

**GIOVANI JOSÉ DA SILVA\***

**ANNA MARIA RIBEIRO FERNANDES MOREIRA DA COSTA\*\***

**ENTRE PINTURAS CORPORAIS E NOTAS MUSICAIS: HISTÓRIA E ETNOGRAFIA NAS OBRAS DE DARCY RIBEIRO E DESIDÉRIO AYTAI**

**Resumo:** Este estudo tem como objetivo analisar as contribuições de Darcy Ribeiro e Desidério Aytai, tendo como ponto de partida a seguinte problemática: qual a contribuição de ambos à etnografia brasileira? Dividimos este artigo em duas partes – Darcy Ribeiro e a “vontade de beleza” Kadiwéu e Desidério Aytai e a musicalidade Nambiquara – que discorrem uma breve biografia dos antropólogos e discutem a produção de ambos no que diz respeito aos Kadiwéu e Nambiquara. Nossa experiência junto a esses índios responsabilizou-se pela decisão da escolha das referidas etnias, já que Ribeiro e Aytai estudaram também outras sociedades indígenas.

**Palavras-chave:** Darcy Ribeiro, Desidério Aytai, etnografia indígena

**Abstract:** This study aims to analyze the contributions of Darcy Ribeiro and Desidério Aytai, taking as its starting point the following issues: the contribution of both the Brazilian ethnography? We split this article into two parts – Darcy Ribeiro and “desire for beauty” Kadiwéu and Desidério Aytai Nambiquara and musicality – that discourse a brief biography of anthropologists and discuss the production of both with respect to Kadiwéu and Nambiquara. Our experience with these Indians was responsible for determining the choice of those ethnic groups, as Ribeiro and Aytai also studied other indigenous societies.

**Keywords:** Darcy Ribeiro – Desidério Aytai – Indian ethnography

---

\* Doutor em História pela UFG (Universidade Federal de Goiás). Docente da UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)/ Campus de Nova Andradina, e pesquisador colaborador da UnB (Universidade de Brasília). Atualmente é diretor da Regional Centro-Oeste da ABHO (Associação Brasileira de História Oral) e vice-presidente da Anpuh-MS (Associação Nacional de História – Seção Mato Grosso do Sul). Endereço eletrônico: giovanijsilva@hotmail.com

\*\* Doutora em História pela UFPE (Universidade Federal de Pernambuco). Docente do Univag – Centro Universitário de Várzea Grande e pesquisadora da Funai (Fundação Nacional do Índio). Atualmente é presidente do IHGMT (Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso). Endereço eletrônico: anna-edu@hotmail.com

## Introdução

Nascidos na primeira metade do século XX e falecidos na década de 1990, o brasileiro Darcy Ribeiro e o húngaro Desidério Aytai, ambos antropólogos, tiveram seus nomes ligados à história de algumas sociedades indígenas localizadas em território brasileiro, respectivamente os Kadiwéu e os Nambiquara. A respeito dos primeiros, Ribeiro escreveu sobre a mitologia, o xamanismo e dedicou especial atenção à arte, notadamente a cerâmica e as pinturas corporais. Em relação aos Nambiquara, Aytai estudou o complexo mitológico do grupo e a estreita ligação deste com os rituais das flautas retas e das flautas nasais. Os Halotesu, grupo Nambiquara do Cerrado, além dos Mamaindê e Katithaulu, ambos do Vale do Guaporé, foram os sujeitos de suas pesquisas, transcorridas durante os últimos anos da década de 1960. Ribeiro e Aytai, portanto, tiveram parte de suas trajetórias acadêmicas estreitamente relacionadas ao estudo da arte em sociedades nativas, representando uma enorme contribuição à etnografia indígena no Brasil.

Expressões da arte desenvolvidas por grupos indígenas localizados atualmente no país fascinaram a viajantes, exploradores e etnógrafos, além de antropólogos e outros que tiveram a oportunidade de entrar em contato com tais populações ao longo do tempo. Especialmente no século XX, com a popularização das máquinas de registro de imagens e vozes humanas, foi possível captar e preservar pinturas, músicas e outras formas de manifestação artística que revelaram a aguçada sensibilidade dos indígenas.

Contudo, diferentemente do que ocorre entre os não índios:

[...] nas sociedades indígenas, a arte não é compreendida sob uma perspectiva completamente intraestética, pois pertence ao mesmo contexto de outras expressões dos objetivos humanos [...]. Como evocaram Baudelaire e também Lévi-Strauss, o objeto estético é inteligível justamente pelas correspondências, pelas analogias entre seus diferentes domínios (VAN VELTHEM, 1994, p. 83).

As trajetórias de Darcy Ribeiro e Desiderio Aytai representam um momento específico da Antropologia brasileira, em que os pesquisadores, crenes na iminente desaparecimento das populações indígenas, imaginavam que, ao “coleccionar” tais expressões e

descrevê-las, legariam ao futuro vestígios de sociedades condenadas a se tornarem apenas lembranças na consciência nacional, em futuro bem próximo.

Passado meio século das primeiras publicações destes dois pesquisadores, sabe-se hoje que a ideia do desaparecimento das populações indígenas no Brasil está longe de se concretizar. O valor dos resultados das pesquisas de Darcy Ribeiro e de Desidério Aytai, entretanto, permanece inegável para a compreensão das trajetórias históricas dos Kadiwéu, Nambiquara e de outros grupos com os quais estes antropólogos conviveram e sobre os quais escreveram (Urubu-Kaapor e Ofayé, no caso de Ribeiro e Xavante, Bororo, Karajá e Paresi, no caso de Aytai). O objetivo do presente artigo é desvendar aspectos da vida e da obra desses dois pesquisadores, ao mostrar como entre pinturas corporais e notas musicais, ambos, cada qual a seu modo e tempo, contribuíram para a compreensão da história indígena no Brasil e, particularmente, sobre a presença de populações indígenas em fronteiras étnicas e nacionais.

### **Darcy Ribeiro e a “vontade de beleza” Kadiwéu**

“O corpo humano é a tela onde os índios mais pintam  
e aquela que pintam com mais primor”

(Darcy Ribeiro)

Contratado como professor de História pela Prefeitura Municipal de Porto Murtinho, Giovani José da Silva chegou pela primeira vez à Reserva Indígena Kadiwéu em julho de 1997. Em sua bagagem, um livro em especial funcionaria como uma espécie de guia para o seu primeiro contato com os “guerreiros” Kadiwéu: tratava-se de *Kadiwéu*: ensaios etnológicos sobre o saber, o azar e a beleza (RIBEIRO, 1980a). O autor, Darcy Ribeiro, falecera meses antes, razão pela qual José da Silva jamais pode entrar em contato pessoalmente com o antropólogo durante os anos em que conviveu com aqueles índios. Passou-se quase uma década (1997-2004) de contatos permanentes com a população Kadiwéu, em um trabalho de Educação Escolar Indígena que resultou na criação da Escola Municipal Indígena “Ejijwajegi” – Pólo e Extensões e a formação de crianças, adolescentes e jovens da referida etnia no Ensino Fundamental e no Ensino Médio (Curso de Formação de Professores). O livro “guia”, usado nos primeiros anos desta convivência, era, na

verdade, a publicação dos trabalhos de campo realizados por Ribeiro entre 1947 e 1948 e embora tivessem se passado cinquenta anos desde que aquelas anotações etnográficas haviam sido feitas, era possível estabelecer ali um “diálogo” com os Kadiwéu, por meio das palavras e impressões registradas por Darcy Ribeiro.

Ribeiro nasceu em 26 de outubro de 1922 em Montes Claros, Estado de Minas Gerais, no Vale do Rio São Francisco. Em 1946, formou-se em Antropologia pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo, dedicando seus primeiros anos de vida profissional ao estudo dos índios do Pantanal, do Brasil Central e da Amazônia (1946-1956). Neste período, criou o Museu do Índio e formulou o projeto de criação do Parque Indígena do Xingu. Também elaborou para a Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) um estudo sobre o impacto do contato de não indígenas e indígenas brasileiros no século XX, publicando-o, pela primeira vez, em 1970 sob o título *Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno* (RIBEIRO, 1970). Em 1954, colaborou com a OIT (Organização Internacional do Trabalho) na preparação de um manual sobre populações indígenas de todo o mundo.

O primeiro livro publicado por Darcy Ribeiro foi *Religião e mitologia Kadiwéu*, em 1950. Com ele, recebeu naquele mesmo ano o Prêmio Fábio Prado de Ensaios. Mais tarde, reuniu este e outros textos que publicara separadamente sobre os Kadiwéu, em belíssima edição, com várias pranchas que retratam as artes gráficas e plásticas daqueles índios (1980a).

Embora tenha sido “[...] econômico em mencionar passagens autobiográficas” (PECHINCHA, 2000, p. 155), em seus escritos a respeito dos Kadiwéu, Darcy Ribeiro revelou em *Confissões* que:

A primeira tribo com que trabalhei longamente foi a dos Kadiwéu, remanescentes dos antigos Guaikuru, únicos índios do Brasil que dominaram o cavalo e com ele impuseram sua suserania sobre muitas tribos de uma área extensíssima, que ia desde o Pantanal até todo o Sul de Mato Grosso e levava seus ataques ao Rio Grande, à fronteira de São Paulo, a Boa Vista, ao alto rio Paraguai e às imediações de Assunção. Com os Kadiwéu foi que, de fato, aprendi a ser etnólogo, porque tanto eu os estudava a eles, como eles estudavam a mim e, por meu intermédio, à minha gente. [...] Sua mitologia conta que, tendo sido feitos por último, quando o Criador não tinha com que aquinhoá-los, lhes deu, em compensação, sua propensão guerreira para conquistar na guerra contra povos tudo o que quisessem ter. É a típica genealogia de um povo

guerreiro, saqueador. Um *herenvolk*, que levou tão a fundo seu papel e sua aristocracia que as suas mulheres deixaram quase totalmente de parir para substituir os filhos próprios por crianças tomadas de outras tribos que eles dominavam (RIBEIRO, 2002, p. 162-163).

Darcy Ribeiro, que começou sua vida profissional como antropólogo, posteriormente ingressou na área educacional, chegando a ser ministro da Educação, em 1962, durante o Governo João Goulart, com apenas 29 anos! Sua trajetória sempre esteve ligada à vida política: foi ministro-chefe da Casa Civil do presidente Goulart, em 1963; vice-governador do Rio de Janeiro, em 1982; secretário de Cultura e coordenador do Programa Especial de Educação do mesmo Estado, além de senador da República, de 1991 até sua morte, em 1997. Durante esses mandatos, também concretizou projetos na área ambiental. A intensa produção de livros o transformou em um membro da ABL (Academia Brasileira de Letras), em 1993.

Sua produção na área da educação e da cultura, no país, foi marcada por meio da criação de universidades, centros culturais e de uma nova proposta educativa com os Centros Integrados de Educação Pública, os Cieps, além de ter legado inúmeras obras traduzidas para diversos idiomas. Dedicou-se, também, à educação superior, participando da criação da UnB (Universidade de Brasília), da qual foi o primeiro reitor. Mais tarde, chamado por João Goulart para ser ministro-chefe da Casa Civil, enquanto coordenava a implantação de reformas estruturais no país ocorreu o golpe civil-militar de 1964, que o lançou no exílio, onde começou a escrever os romances *Maíra* e *O Mulo*. No retorno ao Brasil, em 1976, voltou a dedicar-se à educação e à política, tendo sido eleito vice-governador do Estado do Rio de Janeiro, em 1982. No ano seguinte, assentou as bases do que viria a ser o Programa Especial de Educação, com o encargo de implantar quinhentos Cieps, em horário integral para crianças e adolescentes.

Dentre as muitas obras que idealizou estão a Biblioteca Pública Estadual do Rio de Janeiro, a Casa França-Brasil, a Casa Laura Alvim, o Centro Infantil de Cultura de Ipanema e o Sambódromo, que inicialmente também funcionava como uma enorme escola de Ensino Fundamental, além do Memorial da América Latina, edificado em São Paulo e projetado por Oscar Niemeyer. Ribeiro, por meio da atuação política, contribuiu ainda para o tombamento de praias e encostas do litoral fluminense, além de mais de mil casas do Rio de

Janeiro antigo. A propagação de suas ideias rompeu fronteiras, pois Darcy Ribeiro viveu em vários países da América Latina, onde conduziu programas de reforma universitária.

Foi assessor do presidente Salvador Allende, no Chile, e de Velasco Alvarado, no Peru. Neste período, escreveu cinco volumes de seus Estudos de Antropologia da Civilização (*O Processo Civilizatório; As Américas e a Civilização; O Dilema da América Latina; Os Brasileiros: Teoria do Brasil e Os Índios e a Civilização*), livros que atingiram, em conjunto, mais de noventa edições, em diversas traduções. Neles, propôs uma teoria explicativa das causas do desenvolvimento desigual entre os povos americanos. Como reconhecimento de sua importância intelectual, Ribeiro foi agraciado com o título de Doutor *Honoris Causa* por diversas universidades mundo afora.

Elegeram-se senador da República pelo Estado do Rio de Janeiro, em 1991, tendo elaborado a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), sancionada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, em 20 de dezembro de 1996, como Lei Darcy Ribeiro. Entre 1991 e 1992, licenciado do Senado, assumiu a Secretaria Extraordinária de Programas Especiais do Rio de Janeiro, completando a rede de Cieps e criando um novo padrão de Ensino Médio. Planejou e criou, em 1994, a Uenf (Universidade Estadual do Norte Fluminense), sediada em Campos dos Goytacazes, no Rio de Janeiro, na qual assumiu o cargo de chanceler. Durante a Conferência Mundial do Meio Ambiente – ECO’92, realizada no Rio de Janeiro, em 1992 – implantou o Arboretum do Viveiro, dentro do Parque da Floresta Branca.

Publicou, ainda, *Aos Trancos e Barrancos*, um balanço crítico da história brasileira de 1900 a 1980; *Sobre o Óbvio*, uma coletânea de ensaios e *Testemunho*, um balanço de sua vida intelectual. Editou, juntamente com Berta Ribeiro, a *Suma Etnológica Brasileira*, em três volumes. Em 1992, publicou *A Fundação do Brasil*, um compêndio de textos históricos dos séculos XVI e XVII, comentados por Carlos de Araújo Moreira Neto e precedidos de um longo ensaio analítico sobre os primórdios do Brasil. Em 1995, publicou *O Povo Brasileiro*, livro que encerrou a coleção de seus Estudos de Antropologia da Civilização, além de uma compilação de seus discursos e ensaios, intitulada *O Brasil como Problema*. Lançou, ainda, um livro para adolescentes, *Noções de Coisas*, com ilustrações de Ziraldo, obra premiada pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, em 1996.

Naquele mesmo ano, publicou *Diários Índios: os Urubu-Kaapor*, que reproduz integralmente os diários de campo escritos em forma de cartas à Berta Ribeiro, no período de 1949 a 1951, quando era etnólogo do SPI (Serviço de Proteção aos Índios). Ainda em 1996, recebeu o Prêmio Interamericano de Educação Andrés Bello, concedido pela OEA (Organização dos Estados Americanos) a eminentes educadores das Américas. Organizou, também, a Fundação Darcy Ribeiro, com sede própria, localizada em sua antiga residência em Copacabana, com o objetivo de manter viva sua obra e elaborar projetos nas áreas educacional e cultural. Um de seus últimos projetos, lançado publicamente, foi o Projeto Caboclo.<sup>1</sup>

Darcy Ribeiro faleceu em 17 de fevereiro de 1997.<sup>2</sup> No seu último ano de vida, dedicou-se especialmente a organizar a Universidade Aberta do Brasil, com cursos de educação à distância, e a Escola Normal Superior, para a formação de professores de Ensino Fundamental. Desde as viagens de 1947-1948, Ribeiro jamais voltou aos Kadiwéu, mas sempre se referiu a eles, em palestras, entrevistas e conferências, com carinho e reverência, chamando-os de “meus índios”.

Os Kadiwéu, por sua vez, ao que parece, jamais o esqueceram:

Muito me surpreendeu o entusiasmo que causava em dar notícias de Darcy Ribeiro, bem como o de contarem passagens de sua passagem ali. As velhas se recordavam de detalhes: a comida que fizeram, a dança a que ele assistiu e o susto em ouvirem a sua voz emitida pelo seu aparelho de gravação (PECHINCHA, 2000, p. 153).

As pinturas corporais dos Kadiwéu que tanto encantaram Darcy Ribeiro já haviam fascinado outros tantos pesquisadores antes dele, como se pode verificar nas obras de Guido Boggiani (1975), Claude Lévi-Strauss (2001) e Erich Freundt (1946). O conjunto de manifestações artísticas, expressas por aquele grupo, recebeu do antropólogo a poética alcunha de “vontade de beleza”.

---

<sup>1</sup> O Projeto Caboclo, de autoria de Darcy Ribeiro, era destinado a criar um plano alternativo de ocupação da Amazônia, baseado na experiência de adaptação dos índios à floresta, experiência esta herdada pelos caboclos que a habitavam, segundo o autor, únicos capazes de fazê-la produzir e prosperar.

<sup>2</sup> Para outras informações sobre a biobibliografia de Darcy Ribeiro, consultar o sítio eletrônico da Fundação que leva seu nome, do qual algumas informações aqui apresentadas foram extraídas.

A antropóloga Berta G. Ribeiro, companheira de Darcy Ribeiro por muitos anos, assim se refere às pinturas corporais dos Kadiwéu, relacionando-as aos antigos e ancestrais Mbayá-Guaikuru:

O corpo é o campo decorativo a que se aplica, de preferência, a elaborada arte pictórica Mbayá-Guaikuru. Seus motivos entranham infinitas combinações de desenhos curvilíneos, escalonados, espiralados, meândricos e retilíneos, simetricamente contrapostos em oposição binária. Dificilmente se verá a repetição de padrões (RIBEIRO, 1985, p. 44).

Darcy Ribeiro procedeu pesquisas de campo entre os Kadiwéu no final da década de 1940 e seus trabalhos mais importantes sobre os mesmos estão reunidos no volume *Kadiwéu: ensaios etnológicos sobre o saber, o azar e a beleza* que, como já indica o próprio título, trata de mitologia, xamanismo e arte. Escreveu, também, um artigo intitulado *O sistema familiar Kadiwéu*, de 1948, publicado em *Uirá sai à procura de Deus: ensaios de etnologia e indigenismo* (1980b).

Ribeiro, de acordo com a antropóloga Mônica T. S. Pechincha (2000, p. 154),

[...] esteve entre os Kadiwéu nos últimos meses de 1947, e de julho a outubro de 1948 [...]. Vinculado à perspectiva constituinte do pensamento dos pioneiros da etnologia brasileira, que logo se ocuparam com questões referentes a processos de aculturação e com a ordem e/ou fatores de “desorganização social” causadas [*sic*] pelos impedimentos impostos pelas compulsões do contato, o autor descreveu o povo que então estudou como hostilizado e oprimido, como representante de uma “variante do modo de ser dos brasileiros”, que vivia e vestia-se como a gente mais pobre da região, e vendia, por temporadas, seu trabalho nas fazendas vizinhas [...] Mas o caracterizou, ainda, como “representando uma ilha cultural de origem indígena”, de qualquer forma resistente à dominação e à assimilação.

Para Darcy Ribeiro (1980a, p. 269), a “vontade de beleza” Kadiwéu, observada por ele, se expressava de maneiras distintas entre homens e mulheres. Sobre a pintura Kadiwéu, de forma geral, observou que:

Nas pinturas das mulheres a arte Kadiwéu alcança sua mais alta expressão, aquela que melhor espelha seu caráter nacional e, na fase de destribalização que vivem hoje, eles próprios vêem nela o maior motivo de orgulho tribal. Com estas pinturas embelezam os corpos dos jovens, os objetos de uso, desde as esteiras e couros em que dormem e com que



arreiam seus cavalos e bois, até os pequenos abanos de palha, emprestando-lhes uma característica tribal inconfundível.

A progressiva extinção do uso das pinturas corporais entre os Kadiwéu, preconizada por Ribeiro, felizmente não se concretizou. Embora em desuso, ainda são observadas entre esses índios até os dias de hoje. A esse respeito, o antropólogo Jaime G. Siqueira Júnior (1992, p. 53) afirma que:

Atualmente, as pinturas são feitas em dias de festa pelas mulheres, que usam o suco do jenipapo misturado com o pó de carvão, aplicado no rosto com uma lasca de madeira ou taquara. Os desenhos são tão variados que nunca se repetem. Mesmo assim, eles marcam o estilo Kadiwéu.

Darcy Ribeiro, ou *Bet'rra*, como lhe chamaram os índios, legou um vasto painel etnográfico sobre os Kadiwéu, ainda não superado por nenhum outro pesquisador até o momento, em que retratou como viviam estes indígenas no final dos anos 1940, quando formavam um contingente de pouco mais de duzentas pessoas. Embora não tenha sido um estudioso da música Kadiwéu, recolheu por meio de gravações os sons produzidos por aqueles índios em festas e rituais (CAMÊU, 1977). Nada comparado, contudo, com as preocupações de Desidério Aytai e os estudos que desenvolveu sobre a musicalidade dos Nambiquara e de outros grupos indígenas.

### **Desidério Aytai e a musicalidade indígena Nambiquara**

“O espetáculo era muito parecido a uma orquestra moderna,  
e alguns minutos antes do concerto,  
cada músico tocando outro trecho da partitura.”

(Desidério Aytai)

Contratada pela Funai no ano de 1982, Anna Maria R. F. Moreira da Costa chegou à Terra Indígena Nambiquara, a noroeste de Mato Grosso com a atribuição de implantar um programa de Educação Escolar indígena direcionado às necessidades emergentes dos Nambiquara, principalmente àquelas decorrentes do asfaltamento da rodovia Marechal Rondon, a BR-364, antiga 029. Esperava-se que essa estrada atraísse um enorme contingente de trabalhadores de diferentes partes do país, e sua abertura atingiria vários

territórios indígenas, dentre eles, o dos Nambiquara. Como um dos condicionantes do Banco Mundial, instituição financiadora, as populações que viviam às suas margens, indígenas e não indígenas, deveriam receber atenção especial para que não sofressem tanto com o impacto que a movimentação da estrada traria às suas vidas. Na análise do antropólogo Paul D. Price (1989, p. 2),

[...] os índios tiveram o infortúnio de estar no caminho da rodovia de mil milhas, a ser construída ao longo da fronteira oeste do Brasil. A rodovia, agora completa, é parte do controvertido Projeto Polonoroeste, que tentou desenvolver, em uma única operação, uma área do tamanho da Califórnia. O projeto custou mais de um bilhão de dólares, aproximadamente 1/3 do que foi levantado como empréstimo garantido pelo Banco Mundial. Morando no meio da região condenada pelo desenvolvimento estavam os Nambiquara, um povo livre e orgulhoso, muitos dos quais tinham pouco conhecimento dos ocidentais. [...] As sociedades tradicionais, pequenas demais para revidar, são varridas para o lado; os sobreviventes são cercados e deixados para trás. Os princípios gerais do que aconteceu aos Nambiquara no Brasil nas mãos do Banco Mundial são os mesmos encontrados em muitos outros países do Terceiro Mundo, onde as sociedades tribais estão sendo esmagadas.<sup>3</sup>

Foi esse cenário que recebeu a pesquisadora, uma das autoras do presente artigo, e que certamente era mais assustador do que aquele descrito por Claude Lévi-Strauss em *Tristes Trópicos*, quando foi invadido pela bucólica vastidão da Chapada dos Parecis, percorrida apenas “[...] por pequenos bandos de índios nômades, que estão entre os mais primitivos que se possam encontrar no mundo; e cruzado, de um lado a outro por uma linha telegráfica” (Lévi-Strauss, 2001, p. 256). A necessidade de conhecer a vida Nambiquara direcionou-a a uma multiplicidade de campos ainda por explorar, a substituir e/ou traduzir códigos daquele novo universo. A inexatidão das coisas, das ideias e até mesmo de comportamentos a fez pensar que “[...] compreender menos, ser ingênuos, espantar-se, são reações que podem nos levar a enxergar mais, a apreender algo mais profundo, mais próximo da natureza” (GINZBURG, 2001, p. 29).

Tal preocupação também se circunscreve nos escritos de Deleuze, para quem:

---

<sup>3</sup> Paul David Price foi um estudioso dos índios Nambiquara e que, também, de 1974 a 1976 assumiu, na Funai, o cargo de coordenador do “Projeto Nambikwara” e, em 1980, a consultoria do Banco Mundial, órgão financiador do Polonoroeste (Programa Integrado de Desenvolvimento do Noroeste do Brasil), implantado nas áreas da Amazônia Legal.

Aprender diz respeito essencialmente aos signos. Os signos são objetos de um aprendizado temporal, não de um saber abstrato. Aprender é, de início, considerar uma matéria, um objeto, um ser, como se emitissem signos a serem decifrados, interpretados. Não existe aprendiz que não seja “egiptólogo” de alguma coisa. Alguém só se torna marceneiro tornando-se sensível aos signos da madeira, e médico tornando-se sensível aos signos da doença. A vocação é sempre uma predestinação com relação a signos. Tudo que nos ensina alguma coisa emite signos, todo ato de aprender é uma interpretação de signos ou de hieróglifos (DELEUZE, 2003, p. 4).

Assim, a tentativa de compreensão das práticas cotidianas indígenas foi enriquecida pela busca de estudos sobre os Nambiquara. Desde o momento em que ingressou na Funai, Costa procurou informações em arquivos, livrarias, bibliotecas, sebos, hemerotecas, além de bibliotecas eletrônicas virtuais que possibilitassem investigar a presença Nambiquara em lugares não registrados e que fornecessem novas pistas. Também foram feitos contatos, por correspondência, com pesquisadores que estudaram os índios Nambiquara. No decorrer do ano de 1987, organizou-se o Centro de Documentação e Pesquisa na sede da Funai, em Vilhena, Rondônia. Além dos raros livros sobre os Nambiquara, foram reunidos documentos, fotografias, artigos de jornais e revistas com a preocupação de instrumentalizar os funcionários recém-contratados que passaram a atuar junto aos Nambiquara da Serra do Norte, Chapada dos Parecis e Vale do Guaporé.

Várias correspondências foram enviadas àquelas pessoas que entraram em contato com os índios e que realizaram pesquisas etnográficas, para que incorporassem seus estudos ao acervo que então se organizava. A criação do centro foi um esforço em proporcionar um suporte documental e bibliográfico àqueles funcionários que passariam a ter uma estreita vivência com os Nambiquara e que chegariam às suas terras completamente desprovidos de informações. As correspondências endereçadas a Claude Lévi-Strauss, Paul David Price e Desidério Aytai foram extremamente oportunas para que o acervo da Funai pudesse incorporar estudos de etnografia Nambiquara.

Foi nesse contexto que Costa passou, com regularidade, a se corresponder com Desidério Aytai, entre 04 de dezembro de 1987 e 18 de janeiro de 1998, compondo um total de 129 cartas recebidas. O ir e vir desses estudos resultou na constância de uma correspondência que perdurou até 1998, ano da morte de Aytai, e que passou a orientar os trabalhos acadêmicos realizados pela pesquisadora juntos aos índios Potiguara, na Paraíba,

e aos Nambiquara, de Mato Grosso. Em dez anos, ofícios, cartas, cartões postais, aerogramas e telegramas caracterizaram-se por ser da maior relevância à Antropologia, em especial, à etnografia indígena. Mais do que ler e orientar escritos e desenhos, a presença de Aytai significou, na aldeia, a segurança do percurso acadêmico que Costa necessitava para adentrar em um terreno tão árido – o da cultura material. E, assim, teve-se acesso ao resultado das pesquisas de campo realizadas nos anos 1960, em especial aquelas desenvolvidas entre os vários grupos Nambiquara das três áreas culturais: Cerrado, Serra do Norte e Vale do Guaporé.

A seguir, pretende-se apresentar uma breve biografia, bem como a contribuição de Desidério Aytai para a etnomusicologia indígena Nambiquara, tendo por base metodológica uma análise do levantamento bibliográfico, sonoro e iconográfico realizado ao longo desses anos, inclusas as cartas trocadas durante os anos de 1987 a 1998. Dentre os estudiosos que desenvolveram pesquisas com os Nambiquara, Aytai foi o que mais contribuiu para o enriquecimento do acervo que se pretendeu criar em Vilhena. Foi nesse período que se teve acesso às Publicações do Museu Histórico de Paulínia e aos estudos que Aytai escreveu sobre a etnologia Nambiquara, Xavante, Karajá, dentre outras. Na década de 1960 iniciaram-se os trabalhos de campo do engenheiro etnógrafo<sup>4</sup> junto aos grupos Nambiquara, bem como a publicação de uma série de artigos. Entre 1963 e 1966, esteve entre os Mamaindê e os Sararé, ambos os grupos localizados no Vale do Guaporé. Com os grupos da Chapada dos Parecis realizou estudos em 1967, mais precisamente com o grupo Halotesu, e, nesse mesmo ano, retornou ao Vale do Guaporé para pesquisar os Wasusu.

A história de Aytai no Brasil teve início após a Segunda Guerra Mundial, quando a Hungria tornou-se um Estado comunista. Averso ao ideário comunista, Desidério Aytai deixou a Hungria com sua família e trabalhou no Museu da Smithsonian Institution, em Washington, no Musée de l'Homme, em Paris, e no Museu do Vaticano, em Roma. Em 1948, o engenheiro mecânico formado pela Real Universidade Húngara imigrou para o Brasil, encontrando o espaço propício para construir sua carreira como antropólogo, depois de uma longa trajetória como engenheiro mecânico.

---

<sup>4</sup> Para conhecer mais sobre a atuação acadêmica de Aytai, ler a tradução de Thekla Hartmann para o texto de Price (1988), intitulado Desidério Aytai: o engenheiro como etnógrafo. Nessa mesma revista, Hartmann, então etnóloga do Museu Paulista, apresenta uma breve bibliografia de Desidério Aytai, às páginas 165-168.

No campo da Arqueologia, iniciou suas pesquisas nos sambaquis do litoral sul de São Paulo. Os resultados das escavações realizadas por Desidério Aytai e os alunos do curso de Ciências Sociais da PUCC (Pontifícia Universidade Católica de Campinas), no final da década de 1950 e no decorrer dos anos 1960, encontram-se no acervo da instituição, que também reúne peças coletadas em expedições a comunidades indígenas do Centro-Oeste e Norte brasileiros. No ano de 1963, recebeu convite da PUCC para ocupar a cadeira de Antropologia do curso de Ciências Sociais. Também foi professor e pesquisador na Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) e em várias faculdades. Após aposentar-se, fundou na PUCC a Faculdade de Engenharia, momento em que ocupou o cargo de primeiro diretor.

Como professor, Aytai passou grande parte de sua vida na região de Campinas. Entretanto, em outras cidades próximas sua presença marcou uma trajetória no campo da Antropologia e da Arqueologia. Fundou o Museu Histórico Municipal de Paulínia<sup>5</sup>, em Paulínia, o Museu Municipal Elisabeth Aytai, em Monte Mor, nome atribuído em homenagem a sua esposa, pesquisadora que encontrou, no ano de 1971, uma urna funerária de tradição Tupi, datada de 800 a 1.000 anos. O desejo pelo campo antropológico, todavia, permaneceu acima de quaisquer outros interesses acadêmicos. Organizou diversas expedições às terras Xavante, Bororo, Paresi, Guarani, Karajá, Nambiquara (grupos Halotesu, Katithaulu, Wasusu, Mamaindê), vinculado ao antigo sonho de estudar culturas ágrafas da África e da América do Sul. Seus estudos preocuparam-se, em especial, pela música indígena.

Desidério Aytai, conforme Deise Lucy Oliveira Montardo (2000, p. 6),

[...] foi um dos primeiros autores a realizar uma análise aprofundada da música indígena. Ao transcrever mais de uma centena de canções xavante, o autor apontou, por exemplo, a existência de uma estrutura polifônica nesta música, desmistificando um dos preconceitos vigentes até o momento de que a música indígena não apresentaria tais “sofisticações”.

---

<sup>5</sup> Rene Sarli informa que o Museu Histórico Municipal de Paulínia “funciona em prédio construído em 1913. Em 1977 graças ao empenho do professor Desidério Aytai, é feito um acordo entre a Prefeitura Municipal e a Pontifícia Universidade Católica de Campinas para criação do museu que é inaugurado no ano seguinte. Criado para reunir e preservar a documentação, memória e objetos de imigrantes que vieram para o Brasil em busca de esperança, aventuras, fortuna ou simplesmente fugindo de uma situação difícil nas suas pátrias de origem. Conta com um acervo histórico de 1.300 peças [...]”. Disponível em <http://www.conhecapaulinia.com.br/a-cidade/pontos-turisticos/637-museu-historico-municipal-de-paulinia>. Acesso em 11/11/2010.

Assim como José da Silva, em relação a Darcy Ribeiro, Costa não teve a oportunidade de conhecer pessoalmente Desidério Aytai. Contudo, a etnologia “aytaiana” sobre os grupos Nambiquara deram a ela a oportunidade de conhecê-lo e colocaram-na mais próxima do grande legado deixado por ele. Na época da troca de correspondências, Costa exercia a função de professora de diversas aldeias da Terra Indígena Nambiquara, localizada na Chapada dos Parecis. Logo após a aquisição da cópia de seu acervo fotográfico, a correspondência entre Aytai e Costa passou a ter um caráter mais acadêmico, na medida em que o pesquisador se incumbiu de orientá-la em pesquisas direcionadas à cultura material e imaterial dos índios Potiguara, na Paraíba. Por outro lado, depois de certo tempo, as cartas também passam a ter um teor mais pessoal, quando foram trocadas informações sobre preocupações cotidianas, família e ambiente de trabalho.

Todos os textos da pesquisa desenvolvida entre os Potiguara foram lidos por Desidério Aytai. Após o levantamento dos artefatos confeccionados por esses índios, iniciou-se a descrição de cada um deles, a partir da proposta de Berta G. Ribeiro, elaborada na obra *Dicionário do Artesanato Indígena* (1988). Assim, os artefatos foram distribuídos em nove categorias e receberam uma denominação em consonância ao estudo, com o intuito de uniformização da taxonomia.<sup>6</sup> As descrições passaram pelo olhar criterioso do professor Aytai, quando também se pode entrar em contato com obras teórico-metodológicas fundamentais à abordagem, a partir de suas indicações.

Em meados de 1989, prosseguiram-se os estudos direcionados à cultura material dos Nambiquara do Cerrado, quando também se contou com a orientação de Aytai. Novamente, as cartas foram uma fonte preciosa de informações. Ao contrário da documentação fotográfica apresentada no estudo da cultura material e das plantas utilitárias e medicinais dos índios Potiguara, no estudo Nambiquara optou-se pelos desenhos a nanquim sobre papel vegetal. Dessa maneira, a produção iconográfica também foi enviada à Aytai, para obter seu parecer, em que textos e desenhos passaram por sua criteriosa análise. Algumas imagens, a fim de se obter maior clareza nos detalhes das peças, foram redesenhadas, a pedido dele. O resultado desta pesquisa, inicialmente depositada na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, possibilitou a edição de dois livros: *Hatisu Nambiquara: lembranças que*

---

<sup>6</sup> O resultado da pesquisa sobre os artefatos Potiguara foi publicado pela Secretaria de Cultura do Estado da Paraíba, no livro intitulado *Potiguara: cultura material* (COSTA; MOREIRA DA COSTA, 1989).

viraram histórias (COSTA, 2005) e *Além do artefato: cultura material e imaterial Nambiquara* (COSTA, 2009), publicações estas que infelizmente o professor Desidério Aytai não conheceu.

A última participação de Desidério Aytai nos trabalhos acadêmicos de Costa ocorreu entre os anos de 1997 e 1998, durante a elaboração de *Irmãos do chão: os Nambiquara na etno-história contemporânea* (COSTA, 1998), monografia apresentada à UFMT (Universidade Federal de Mato Grosso), no Curso de Especialização em História. Nesse estudo, Aytai contribuiu de forma ímpar na análise dos textos e no enriquecimento da bibliografia referente aos Nambiquara, especialmente os estudos escritos em língua estrangeira. Junto às cartas do professor, foram recebidos os números das Publicações do Museu Histórico de Paulínia, com artigos direcionados aos interesses de estudo da pesquisadora. Ao final de poucos anos, pode-se colecionar todos os números do periódico, cuja edição foi interrompida após a sua morte.

Poucos estudiosos dedicaram-se especialmente às pesquisas sobre a música Nambiquara. A esse respeito, Aytai informa que:

[...] vários autores que visitaram os Nambiquara falam das flautas, sem, porém, dar muitos detalhes. C. Lévi-Strauss, por exemplo, no seu excelente trabalho sobre vários grupos destes índios, diz que as flautas são usadas nas festas do fim da época das chuvas, mas não menciona a existência de uma choupana específica para guardá-las – pelo contrário, conta que os índios esconderam as flautas recém-fabricadas entre os galhos de uma árvore perto da aldeia, e fizeram, a pedido dele, uma demonstração da música a certa distância da aldeia, para evitar qualquer indiscrição feminina (AYTAI, 1967-68, p. 69-70).

As pesquisas de Aytai e, posteriormente, as de Costa, mostram que o espaço musical entre os Nambiquara dá-se tanto no pátio central, circundado por casas habitacionais, como no interior de uma casa ritual, construída pelos homens especialmente para entoarem os instrumentos de bambu, com e sem ressonador de cabaça. Não há a obrigatoriedade da guarda das flautas retas ser exclusivamente na casa das flautas. O interior da mata, longe da curiosidade e dos olhos femininos, pode ser também um local apropriado para esconder os instrumentos musicais, entre galhos e, até mesmo, enroladas em cobertores. São entoadas durante o cultivo de plantas comestíveis e utilitárias, necessária à sobrevivência dos Nambiquara. Ao som da música, os Nambiquara ingerem

uma bebida à base de mandioca e despejam-na também no interior das flautas, alimentando-as, pois creem que ali se encontra a alma do menino que, no tempo mítico, transformou-se em plantas utilitárias e comestíveis para seu povo.

Outros pesquisadores dedicaram-se ao estudo da música Nambiquara tais como Halmos que escreveu *La flûte nasale chez les indiens Nambicuara* (BOGÁR; HALMOS, 1962), *Melody and form in the music of the Nambicuara Indians (Mato Grosso, Brazil)* (1964) e *The music of the Nambiquara indians* (1979). Avery destaca-se entre os autores por ter maior produção voltada à música dos Mamaindê, um dos grupos Nambiquara do Vale do Guaporé. Publicou, na década de 1970, vários artigos de suma importância para o conhecimento da música vocal Mamaindê (AVERY, 1977). Aspectos musicais da música Nambiquara também foram apresentados por Lesslauer (1999).

Contudo, num cenário geograficamente mais amplo, o antropólogo Rafael José de M. Bastos aponta que:

[...] o cenário atual da etnomusicologia das terras baixas da América do Sul é extremamente promissor. Se, por um lado, pode-se aqui contar com a existência de um número significativo de estudos, por assim dizer, inaugurais no período aqui enfocado [...] por outro, ele inclui, tipicamente no Brasil e a partir da segunda metade dos anos 1990, uma fértil floração de pesquisas realizadas por uma nova geração de etnomusicólogos, a maioria deles antropólogos (BASTOS, 2007, 295-296).

Em relação aos índios Nambiquara do Cerrado e do Vale do Guaporé, a maior parte dos estudos de Aytai encontra-se nas Publicações do Museu Histórico de Paulínia (de início denominadas *Publicações do Museu Municipal de Paulínia*), atualmente esgotadas e de difícil acesso àqueles interessados em conhecê-los e estudá-los.<sup>7</sup> Duas décadas marcaram a existência das Publicações, sendo que de 1977 a 1997, apresentou 72 números, com artigos escritos por diversos autores, especialmente no campo da Antropologia. Dentre eles, Desidério Aytai escreveu 74 artigos sobre etnologia indígena, com temática variada:

---

<sup>7</sup> Anna Maria Ribeiro F. M. da Costa repassou ao acervo do IHGMT (Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso) a coleção completa das *Publicações do Museu Histórico de Paulínia*, a fim de que seja digitalizado e disponibilizado no site da referida instituição. Em breve, sob a coordenação de Paulo Pitaluga Costa e Silva, as Publicações Avulsas do IHGMT, dedicadas às obras raras e esgotadas sobre Mato Grosso, disponibilizarão, em dois volumes, todos os números das *Publicações* que tratam sobre os Nambiquara, de autoria de Desidério Aytai. Outra oportunidade em se ter acesso a alguns números das *Publicações* foi ofertada por João Veridiano Franco Neto, mestre em Antropologia Social pela Unicamp e membro do Centro de Pesquisa em Etnologia Indígena da mesma universidade, que digitalizou parte dos números das Publicações e disponibilizou diversos *links* de acesso aos *downloads*.



mitologia, música, cultura material, arqueologia e outros temas como manuais para etnomusicólogos e recomendações para um antropólogo principiante. Destes, Aytai reservou 29 artigos exclusivamente para estudos sobre a etnomusicologia Nambiquara, Xetá, Xavante, Bororo, Karajá, inclusas as canções e assovios. Os estudos intitulados *Da caderneta de campo do antropólogo* (1986 a 1987) caracterizam-se por apresentar um conjunto de informações contidas em seus apontamentos de pesquisas realizadas no período em que esteve em expedição junto aos índios Xetá, Bororo, Karajá, Nambiquara e Xavante. Os minimanuais para etnomusicólogos, em três artigos, preocuparam-se em apresentar ao pesquisador iniciante condutas para os estudos de campo, atentando-se principalmente para a coleta de dados.

Os escritos específicos sobre música indígena abarcam desde a gravação em campo dos rituais até a descrição do instrumento musical propriamente dito, como fez com os Xavante, em sua tese de livre-docência (AYTAI, 1985). Sua trajetória etnográfica percorre as fontes e a estrutura da música, os sons que formam os cantos, as melodias, a polifonia, a letra, o ritmo. Os ornamentos e a maneira de cantar não passaram despercebidos por Aytai e, muitas vezes, foram comparados a outros ritmos musicais. Há, em todos os artigos, um rico registro iconográfico, elaborado por suas próprias mãos, que extrapola o intento de apenas ilustrar, mas que integra o próprio corpo do texto, enriquecendo-o e facilitando sua compreensão.

A música vocal também mereceu a atenção do pesquisador. Cuidou de realizar uma compilação de relatórios completos e detalhados dos fatos etnomusicológicos coletados e registrados em pesquisas de campo durante a década de 1960, oportunizando o conhecimento dos segredos e encantos da música Nambiquara, até hoje não superada por nenhum outro estudo. Desidério Aytai reuniu um vasto acerto sonoro, gravado em fitas-cassetes e que, após sua morte, chegou às mãos de Costa como herança de uma amizade de dez anos, calcada nas sensações que a escrita forneceu a ambos. A coleção das gravações foi repassada ao Museu do Índio, da Funai, no Rio de Janeiro, a fim de receber armazenamento adequado e gravação em CD, resguardando-se tão precioso registro sonoro.

Mas, não somente as *Publicações do Museu Histórico de Paulínia* apresentam estudos de etnomusicologia Nambiquara, de autoria de Desidério Aytai. A *Revista da Universidade Católica de Campinas* publicou, entre os anos de 1965 a 1972, os artigos Os

cantores da floresta (Partes I, II, III e IV) (AYTAI, 1964; 1965; 1966; 1972), contendo importantes notas etnográficas sobre os índios Mamaindê, do Vale do Guaporé, nelas, com exceção da parte IV, inclusas referências musicais. Periódicos estrangeiros também contemplaram os escritos de Aytai: os *Cahiers de musiques traditionnelles* (1989), publicados em Genebra, reservaram algumas páginas para La Flûte Nasale des Indiens Nambikuara, um volume dedicado especialmente à música instrumental. Nesse estudo, a flauta nasal tem um destaque merecido por ser um instrumento raro entre populações indígenas. Dois fragmentos de cabaça, de formato arredondado, são unidos por cera de abelha. Em uma das partes possui três orifícios: um destinado ao sopro nasal e dois à digitação dos dedos indicadores. Tanto a flauta reta de bambu como a flauta nasal são instrumentos musicais que estabelecem uma relação dos Nambiquara com o mundo espiritual. A música instrumental como a vocal são uma das possibilidades que os Nambiquara têm para estabelecer vínculos com os espíritos ancestrais e da natureza. Desidério Aytai, em suas pesquisas de campo, não se ateve somente a descrever e estudar os sons produzidos por essas flautas. Estendeu sua aguçada observação aos patamares mais recônditos da religiosidade, como comprova seus escritos sobre a etnomusicologia Nambiquara.

As mais de cem cartas recebidas de “Desi”<sup>8</sup> oportunizaram a Costa conhecê-lo, além do inestimável legado etnográfico deixado para a Antropologia. Sem dúvida, os tantos selos postais colados nos envelopes de cores e tamanhos diversos selaram, também, uma amizade que rompeu distâncias e minimizou a impossibilidade de não conhecê-lo pessoalmente. Entretanto, as cartas de trabalho, aos poucos, foram se tornando também cartas de amizade. E na cadência de conversas tão variadas, de experiências compartilhadas, desenhou-se seu perfil. Pouco antes de sua morte, ainda trabalhando do Museu Elizabeth Aytai, em Monte Mor, aos 93 anos, suas últimas cartas eram assim assinadas como “Desidério fóssil”!

## Conclusão

---

<sup>8</sup> “Desi”, segundo informações pessoais repassadas aos autores por Zilda Rangel, era a maneira carinhosa com que as pessoas mais próximas se dirigiam a Desidério Aytai. Rangel é, atualmente, coordenadora do Museu Elizabeth Aytai e teve o privilégio de trabalhar um longo período ao lado de Aytai.

É fato que os prognósticos de Darcy Ribeiro a respeito do desaparecimento de populações indígenas no Brasil, felizmente, não se fizeram cumprir. Passados quarenta anos da publicação de *Os índios e a civilização* verifica-se não apenas que muitas das populações dadas como “extintas” pelo autor, de fato, não apenas não desapareceram, como estão crescendo demograficamente de forma expressiva. Por outro lado, o registro de atividades artísticas Kadiwéu, especialmente as ligadas às pinturas corporais, teve o mérito de preservar informações a respeito de uma manifestação de arte estritamente relacionada ao universo feminino e que se não está em completo desuso nos dias de hoje, já não apresenta o vigor de outrora.

O próprio Darcy Ribeiro foi um crítico contumaz da tradição antropológica de colecionar objetos de “arte indígena”, com fins museológicos, prática que segundo Lúcia Hussak Van Velthem (1994) teve início com a descoberta do Novo Mundo e se estendeu até princípios do século XX.

Para Ribeiro:

Vivendo a vida indígena e tratando de colecionar objetos com propósitos museológicos, sentimos a estranheza que provocava nos índios a nossa ocupação. Para eles, retirar aquelas coisas do uso corrente e retê-las seria como perder a fé de que os homens sejam capazes de continuar a fazê-las. O importante para os índios não é deter o objeto belo, mas ter os artistas ali, fazendo e refazendo a beleza, hoje como ontem, amanhã e sempre. Essa certeza de que a vida está composta de coisas que têm tanto potencialidades práticas como expressões de beleza, lhes dá uma grande segurança. Segurança que não temos nós que tanto colecionamos espécimes raros, como desprezamos seus criadores (RIBEIRO, 1987, p. 30).

Darcy Ribeiro voltou inúmeras vezes, em seus escritos, ao tema das pinturas corporais Kadiwéu, desde que publicou, em 1951, *Arte dos índios Kadiwéu*. Certa vez, afirmou que “A mais elaborada arte de desenho dos índios americanos é a dos padrões de pintura de rosto e de corpo dos meus Kadiwéu. Esta velha arte feminina assombrou até os colonizadores europeus, habitualmente cegos para as expressões de beleza dos povos indígenas” (RIBEIRO, 1987, p. 46; grifo dos autores). Não somente os Kadiwéu se destacaram no cenário artístico indígena com suas pinturas corporais, mas também os Asurini, os Xavante e os Wayana, dentre inúmeros outros. Trata-se de uma atividade não

apenas de cunho artístico, mas de importância social relevante para muitos grupos indígenas.

De acordo com Lux Vidal (1985, p. 16),

Aplicada no corpo, a pintura possui uma função essencialmente social e mágico-religiosa, mas é também a maneira reconhecidamente bonita e correta de apresentar-se, havendo aqui uma correspondência entre o ético e o estético. Em muitas sociedades indígenas, a decoração do corpo confere ao homem a sua dignidade humana, o seu ser social, o seu significado espiritual e identidade grupal. A decoração é concebida para o corpo, mas o corpo só existe através dela.

Já em relação à música, a contribuição acadêmica do antropólogo húngaro, radicado no Brasil, Desidério Aytai foi inquestionavelmente decisiva para o conhecimento da cultura musical dos indígenas no país, em especial, dos grupos Nambiquara. Seus estudos são considerados de referência para pesquisadores interessados em ter acesso às especificidades da música daqueles índios. E, ainda, considerando a escassez de obras sobre a cultura musical dos índios que atualmente habitam o território brasileiro, a contribuição de Aytai atinge maior dimensão, pois teve o mérito de conservar informações etnomusicológicas de grupos humanos que hoje passam por rápidas transformações sociais. Os estudos são, certamente, uma referência aos interessados em conhecer o campo da música indígena, ainda pouco explorado pela Antropologia e pela História.

O antropólogo Anthony Seeger afirma que:

[a] música – estruturas de som e tempo – é geralmente considerada pelos índios parte fundamental de sua vida e não apenas uma de suas opções [...] Os instrumentos musicais na América do Sul compartilham da importância da música. São tidos, freqüentemente, pelos nativos, como objetos que incorporam um poder identificado com diversas espécies de espíritos, seres ou grupos de pessoas. [...] A música é uma faceta importante na vida social e os instrumentos musicais são parte importante da cultura material (SEEGGER, 1987, p. 174).

Dessa forma, Aytai, por meio de seus estudos, revelou um dos aspectos mais relevantes na vida dos grupos indígenas – a música –, geralmente negligenciada como objeto de estudo por pesquisadores de distintas áreas do conhecimento. A exiguidade de material sobre a música indígena deve-se, por um lado, à dificuldade em registrar fenômeno tão efêmero como o som e, por outro, à dificuldade em se compreender a música indígena

nos contextos em que ela é produzida. Desidério Aytai conseguiu superar tais dificuldades, legando um riquíssimo acervo ainda a ser explorado.<sup>9</sup>

Ribeiro, por sua vez, legou uma vasta etnografia a respeito dos Kadiwéu e foi considerado por estes indígenas, um “(quase) Kadiwéu”, uma vez que “História e mito definiram uma aliança e fizeram de Darcy Ribeiro alguém capaz de reconfirmar os símbolos Kadiwéu” (PECHINCHA, 2000, p. 161).

Assim, entre pinturas corporais Kadiwéu e notas musicais Nambiquara, Darcy Ribeiro e Desidério Aytai legaram um vasto conhecimento sobre expressões artísticas e culturais que, de outra forma, poderiam estar irremediavelmente perdidas, posto que as pinturas corporais entre os Kadiwéu hoje em dia encontram-se em progressivo desuso, enquanto entre os Nambiquara os interesses musicais começam a se aproximar dos ritmos não indígenas. A contribuição de ambos para a etnografia indígena no Brasil, portanto, é ímpar e revela a trajetória histórica de modos de ser e viver únicos de populações indígenas cujo passado, graças aos trabalhos de dois incansáveis pesquisadores, é mais belo e sonoro.

## Referências

VERY, T. L. Mamaindê vocal music. *Ethnomusicology*, n. 3, p. 359-377, sept. 1977.

AYTAI, D. As flautas rituais dos Nambiquara. *Revista de Antropologia*, São Paulo, Separata dos vs. 15 e 16, p. 69-75, 1967-1968.

\_\_\_\_\_. La Flûte Nasale des Indiens Nambiquara. *Les Cahiers de Musiques Traditionnelles* n. 2, Genève, p. 132-149, 1989.

---

<sup>9</sup> Desse acervo, mesmo que a questão central da discussão não discorra totalmente sobre a etnomusicologia Nambiquara, destaca-se o primoroso artigo intitulado Os cantores da floresta. Parte IV: a origem dos índios Mamaindê (AYTAI, 1972). Isso porque se desconhece hipóteses consistentes que expliquem a existência dos mais de trinta grupos que compõem a sociedade Nambiquara atual. Os Nambiquara, “embora partilhando de uma mesma filiação linguística e de elementos culturais comuns, distinguem-se claramente entre si por determinados aspectos de sua organização social, de sua cultura material e de seu sistema de crenças” (COSTA, 2010, p. 91). Nesse estudo de Aytai sobre os Mamaindê, ao partir de uma análise glotocronológica das línguas classificadas como Nambiquara, acredita-se que um grupo ancestral comum (proto-Nambiquara) ocupava uma área localizada no divisor das águas do alto curso dos rios Guaporé e Juruena. Em decorrência de uma grave crise há aproximadamente 4.000 anos, esse grupo se dividiu em cinco: os Mamaindê, Sararé (Katithaulu), Taitê, Tagnani (Tawentê), Kôkôzú (Wakalitesu). Aytai calculou que o epicentro da separação ocorreu no território ocupado atualmente pelos Mamaindê, forçando a dispersão do que viria a se constituir no Tawentê, ao Norte; no Taitê e o Katithaulu, ao Sul; e no Wakalitesu, ao Leste. Este último grupo deu origem, durante a migração, há 1.400 anos, ao Anunzê (Kithãulhu). Pouco depois, há 1.100 anos, se cindiu novamente, formando o Halotesu e, finalmente, há cerca de 400 anos, o Wasusu se separou.

\_\_\_\_\_. *O mundo sonoro Xavante*. São Paulo: USP, 1985 (Coleção Museu Paulista, Etnologia, v. 5). 335 p.

\_\_\_\_\_. Os cantores da floresta. *Revista da Universidade Católica de Campinas*, Campinas, Ano X, n. 29-30, p. 22-34, nov. 1964.

\_\_\_\_\_. Os cantores da floresta II. *Revista da Universidade Católica de Campinas*, Campinas, Ano XI, n. 27-28, p. 71-81, dez. 1965.

\_\_\_\_\_. Os cantores da floresta III. *Revista da Universidade Católica de Campinas*, Campinas, Ano XII, n. 29-30, p. 132-135, dez. 1966.

\_\_\_\_\_. Os cantores da floresta. Parte IV: a origem dos índios Mamaindê. *Revista da Universidade Católica de Campinas*, Campinas, Ano XVI, n. 35, p. 129-145 dez. de 1972.

BASTOS, R. J. de M. Música nas sociedades indígenas das terras baixas da América do Sul: estado da arte. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, out. 2007.

BOGÁR, L.; HALMOS, I. La flûte nasale chez les indiens Nambicuara. *Acta Ethnographica*, 11, Geneva, p. 437-446, 1962.

BOGGIANI, G. *Os caduveos*. Tradução de Amadeu Amaral Júnior. São Paulo/ Belo Horizonte: Edusp/ Itatiaia, 1975. 307 p.

CAMÊU, H. *Introdução ao estudo da música indígena brasileira*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura/ Departamento de Assuntos Culturais, 1977. 295 p.

COSTA, A. M. R. F. M. da. *Além do artefato: cultura material e imaterial Nambiquara*. Cuiabá: EdUFMT/ Fapemat, 2009. 130 p.

\_\_\_\_\_. *Hatisu Nambiquara: lembranças que viraram histórias*. Cuiabá: Tanta Tinta, 2005. 54 p.

\_\_\_\_\_. *Irmãos do chão: os Nambiquara na etno-história contemporânea*. Monografia (Especialização em História). 1998. UFMT (Universidade Federal de Mato Grosso), Cuiabá, 1998.

\_\_\_\_\_. *Wanintesu: um construtor do mundo Nambiquara*. Recife: UFPE, 2010. 614 p. (Coleção Teses e Dissertações, 32).

\_\_\_\_\_; MOREIRA DA COSTA, J. E. F. *Potiguara: cultura material*. João Pessoa: Secretaria de Estado de Cultura, 1989. 117 p.

DELEUZE, G. *Proust e os signos*. Tradução de Antonio Piquet e Roberto Machado. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. 173 p.

- FREUNDT, E. *Índios de Mato Grosso*. São Paulo: Melhoramentos, 1946. 32 p.
- GINZBURG, C. *Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 311 p.
- HALMOS, I. Melody and form in the music of the Nambiquara Indians (Mato Grosso, Brazil). *Studia Musicologica*, Budapest, 6, p. 317-356, 1964.
- \_\_\_\_\_. The music of the Nambiquara Indians (Mato Grosso, Brazil). *Acta Ethnographica*, Budapest, 28 (1-4): 205-350, 1979.
- LESSLAUER, C. Kulturelle und musikalische Aspekte der Musik der Nambiquara, Mato Grosso, Brasilien. *Die Musikkulturen der Indianer Brasiliens*, Roma, Consociatio Internactionalis Musicae Sacrae, p. 267-393, 1999.
- LÉVI-STRAUSS, C. *Tristes trópicos*. Tradução de Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 400 p.
- MONTARDO, D. L. O. *Música e xamanismo guarani*. XXIV Encontro Anual da ANPOCS. GT 04: Etnologia Indígena. 3ª sessão: Antropologia da arte em interface com a etnologia indígena. Petrópolis, outubro de 2000, p. 6. <http://www.brasil-europa.eu/Paises/Hungria.html>. Acesso em 17/10/2010.
- PECHINCHA, M. T. S. Memória e história entre índios brasileiros: os Kadiwéu e seus etnógrafos Darcy Ribeiro e Guido Boggiani. *História Revista*, Goiânia, vol. 5, n. 1/2, p. 151-163. jan./ dez. 2000.
- PRICE, P. D. *Before the bulldozer: the nambiquara Indians & the World Bank*. Washington: Seven Locks Press, 1989. 212 p.
- \_\_\_\_\_. Desidério Aytai: o engenheiro como etnógrafo. Tradução de Thekla Hartmann. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, n. 33, p. 161-164, 1988.
- RIBEIRO, B. G. *Dicionário do artesanato indígena*. Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/ Edusp, 1988 (Coleção Reconquista do Brasil, 3, Série Especial, v. 4). 343 p.
- \_\_\_\_\_. Arte gráfica Kadiwéu. In: FUNARTE. *Arte e corpo: pintura sobre a pele e adornos de povo indígenas brasileiros*. Rio de Janeiro: Funarte/ Inap, 1985. p. 39-45.
- RIBEIRO, D. Arte índia. In: RIBEIRO, B. G. (Coord.). *Suma etnológica brasileira*. 2. ed. Petrópolis: Vozes/ Finep, 1987. p. 29-64. (Vol. 3: Arte Índia).
- \_\_\_\_\_. *Confissões*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 590 p.
- \_\_\_\_\_. *Kadiwéu: ensaios etnológicos sobre o saber, o azar e a beleza*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1980a. 318 p.

\_\_\_\_\_. *Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970. 495 p.

\_\_\_\_\_. *Uirá sai à procura de Deus: ensaios de etnologia e indigenismo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980b. 173 p.

SEEGER, A. Novos horizontes na classificação dos instrumentos musicais. *In*: RIBEIRO, B. G. (Coord.). *Suma etnológica brasileira*. 2. ed. Petrópolis: Vozes/ Finep, 1987. p. 173-179. (Vol. 3: Arte Índia).

SIQUEIRA JÚNIOR, J. G. *Arte e técnicas Kadiwéu*. São Paulo: SMC, 1992. 125 p.

VAN VELTHEM, L. H. Arte indígena: referentes sociais e cosmológicos. *In*: GRUPIONI, L. D. B. (Org.). *Índios no Brasil*. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1994. p. 83-92.

VIDAL, L. Ornamentação corporal entre grupos indígenas. *In*: FUNARTE. *Arte e corpo: pintura sobre a pele e adornos de povo indígenas brasileiros*. Rio de Janeiro: Funarte/ Inap, 1985. p. 15-19.

Artigo recebido em 01 de novembro de 2010.

Artigo aceito em 02 de dezembro de 2010.